

REPORTAGEM ESPECIAL

FERNANDO MADEIRA

Morador de rua dorme ao relento na calçada em Bento Ferreira, Vitória



GRANDE VITÓRIA TEM MAIS DE MIL MORADORES DE RUA

Crise econômica agravou problema social, alertam especialistas

✦ **ANDRÉ FALCÃO**
✦ **RAQUEL LOPES**

Na calçada, debaixo de marquises, de pontes, nas praças, revirando lixo. É dessa forma que vivem os 1.047 moradores de rua na Grande Vitória, população que vem aumentando em número cada vez mais.

Os efeitos da crise econômica no país são apontados, pelas administrações públicas e sociólogos, como fatores que contribuem para o agravamento da situação.

Em Vila Velha, até março deste ano, 193 pessoas receberam o atendimento da prefeitura. Em maio, foram 203.

“São problemas multifatoriais, mas o desemprego aumentou consideravelmente. Nesta época, há pessoas de outros Estados para trabalhar na colheita de café, por exemplo, muitas não conseguem e se aglomeram principalmente nas cidades maiores”, explica a



VINÍCIUS GONCALVES/TV GAZETA

Canteiros viram cama na praça do Centro de Vila Velha



coordenadora do Serviço Especializado de Abordagem Social (Seas) de Vila Velha, Jamille Waiandt.

O pior cenário é na Serra, onde 397 pessoas vivem nas ruas. A Capital tem 250 pessoas nesta situação, 30 a mais que no ano passado. Já Cariacica informou que pos-

sui 197 pessoas nas ruas.

Ao todo, 294 mil pessoas estão sem emprego no Espírito Santo. A taxa de desemprego subiu de 13,6% no último trimestre de 2016 para 14,4% nos três primeiros meses deste ano. Com a crise financeira, muitos trabalhadores ficaram sem condi-

SEM RUMO



“Hoje você não acha nada. Estive em São Paulo há pouco tempo. Não é só aqui que está ruim”

DARLI DESEMPREGADO

procura de emprego. “Hoje você não acha nada. Já estive em São Paulo há pouco tempo. Não é só aqui que está ruim”, diz.

Aos 64 anos, Vicente está desempregado. Era ajudante de pedreiro, mas agora é catador de material reciclável. O endereço atual é numa calçada de Bento Ferreira, em Vitória, em frente aos prédios que ajudou a construir. “Rebocava e chapiscava, fazia laje”, lamenta.

A professora de sociologia e história do Mackenzie, Rosana Schwartz, explica que os moradores de rua ficam aglomerados principalmente em locais movimentados. São pontos com mais oportunidade de fazer “bicos”. “Eles preferem os grandes centros por causa das alternativas. Há mais formas de ganhar dinheiro com empregos esporádicos e podem pedir dinheiro no sinal de trânsito. Outro fator é que eles podem se aglutinar, um dá proteção para o outro”.

ções de pagar despesas básicas e foram morar nas ruas.

O repórter da TV Gazeta André Falcão e o cinegrafista Vinícius Gonçalves passaram duas noites nas ruas para mostrar a situação. Pessoas como o pedreiro Darli, de 59 anos, que veio de Minas Gerais a

REPORTAGEM ESPECIAL



Em Vila Velha, mulher revira caixas de papelão durante a noite



Homem improvisa com lençóis para se abrigar do frio embaixo de marquise

ABRIGOS LOTADOS

São 258 vagas para atender 1.047 pessoas em situação de rua

RAQUEL LOPES
rflopes@redegazeta.com.br

Se por um lado o número de pessoas em situação de rua é de 1047, por outro, a quantidade de vagas em abrigo é de apenas 258 na Grande Vitória.

Todos os municípios possuem abrigos e hospedagens noturnas para pessoas em situação de rua. A maioria das vagas está concentrada em Vitória, sendo 120 para 250 moradores. Em um abrigo da Grande Vitória com capacidade para 40 pessoas, um morador dormia na porta do local.

Uma mulher de 23 anos, mãe de três filhos e grávida do quarto, que não quis se identificar, estava feliz por ganhar uma caixa de papelão para dor-

mir. “Eu inventei de cheirar um pó, todo mundo foi dormir, fiquei com medo do marido acordar, pulei a janela e vim para rua. Meu sonho é ter uma casinha e criar minha filha e pegar meus filhos para ficar comigo”, lamenta.

A secretária de Assistência Social de Vitória, Iohana Kroehling, explica que o abrigo precisa ser visto como algo provisório. “Nós acolhemos todas as pessoas que podemos. O objetivo é que façam o retorno para suas origens. Em Vitória há uma rede de serviços chamada “Escola da Vida”, que agrega várias atividades com pessoas em situação de rua, como abordagem social, capacitação e retorno ao mercado de trabalho”, diz.

VILA VELHA

Já em Vila Velha são 203 moradores em situação de rua. Para atender à população há dois abrigos. Juntos, têm capacidade para atender 38 pessoas. Segundo a coordenadora do Serviço Especializado de Abordagem Social (Seas), Jamille Waiandt, a intenção é ampliar o número de vagas.

“Temos um plano de ação que contempla o aumento do número de vagas e inserção do mercado de trabalho, através de mapeamento do perfil e potencialidade de cada um”, diz.

Na Serra, a secretária de Assistência Social da Serra, Elcimara Rangel,

VINÍCIUS GONÇALVES/TV GAZETA

“

Eles não querem largar as coisas que lhes causam afetividade, como objetos e cachorros”

—
ROSANA SCHWARTZ
PROFESSORA DE
SOCIOLOGIA E HISTÓRIA

explica que são 397 pessoas nas ruas e 60 vagas. O primeiro passo de quem deseja sair das ruas é procurar o Centro Pop.

“Abordamos e convidamos a ir ao Centro Pop, no local é que analisamos a situação de cada um e encaminhamos para o abrigo. No ano passado, retornamos 60 pessoas para suas cidades de origem.”

Já em Cariacica, são 197 pessoas nas ruas. A maioria formada por homens, entre 25 a 49 anos. O município disponibiliza o abrigo para 40 pessoas. “É realizada abordagem social, encaminhamentos para a demanda do usuário e abrigamento”, explica em nota.

DIFICULDADE

A professora de sociologia e história do Mackenzie, Rosana Schwartz afirma que algumas pessoas não vão para albergues devido às regras impostas. Outros fatores são o uso de álcool e drogas. Ele explica que, apesar de oferecer comida e lugar para dormir, o abrigo não deixa entrar com coisas que são importantes para a população de rua.

“Eles não querem largar as coisas que lhes causam afetividade, como objetos e cachorros. Muitas vezes eles dão a comida que recebem para o animal. É uma forma de agradecer pela única forma que recebem de amor e carinho”, explica.

FERNANDO MADEIRA



Vicente é pedreiro e mora na rua, perto dos prédios que ajudou a construir



Grupo dorme em colchões em calçada na Avenida Champagnat, em Vila Velha

DEPOIMENTO

“VOU CONSEGUIR TER UMA CASA DE NOVO. EU VOU SAIR DESSA”

Pedro Francisco Santos
Morador de rua

“Nasci em Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e vim tentar a vida no Espírito Santo em 1982. Já fiz de tudo, já trabalhei na roça, de pintor e de pedreiro. Trabalhei de pedreiro por 12 anos, de carteira

assinada e tudo. Em 2014 fui demitido por causa da crise e não consegui mais pagar o aluguel. Desde o ano passado vivo nas ruas com minha esposa. Graças a Deus não temos filhos pequenos. Trabalho do que aparecer, já trabalhei como caseiro também. Tenho esperança de sair da rua. Não bebo, não fumo, não uso drogas, não tenho vício algum. Tenho esperança de que alguém vai me dar um emprego e eu vou conseguir ter uma casa de novo. Eu vou sair dessa”.



DROGAS E CRISE LEVAM ÀS RUAS

Especialistas defendem análise caso a caso

RAQUEL LOPES
TATIANA MOURA

Vício em álcool, drogas, abandono de familiares e falta de emprego. Os motivos para alguém ser levado a viver nas ruas são diversos e, por isso, precisam ser tratados de formas diferentes, apontam especialistas.

O cientista social e professor de sociologia da Faesa Joilton Rosa afirma que os casos precisam ser analisados de forma individual. Não há um tratamento único. “Uma pessoa que usa drogas não pode ser tratada como outra que foi expulsa de casa”, diz.

A professora de sociolo-

gia e história do Mackenzie Rosana Schwartz acrescenta que é preciso investigar por que estão nessa situação. Muitos, passam a ter problemas ao chegar nas ruas.

“Um problema pode levar a outro. A pessoa que por algum motivo teve que ir para rua muitas vezes pode passar a ter outros problemas, como a dependência de álcool e drogas. Por isso é necessário que haja políticas públicas eficientes”, acrescenta a especialista.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Para o membro da Coordenação da Pastoral

da População em Situação de Rua da Arquidiocese de Vitória Júlio César Pagotto, o aumento do número da população em situação de rua na região Metropolitana está ligada ao rompimento de vínculos familiares e à dependência química, mas sobretudo ao aumento do desemprego.

“Com a crise econômica, a classe média deixa de trocar o carro e de fazer passeios. Enquanto os mais vulneráveis ficam impossibilitados de obter o básico para a sobrevivência, que é moradia, vestimenta e ali-

mentação”, avalia.

Ele defende que faltam políticas públicas para essa parcela da população, que passa despercebida aos olhos dos governantes, e sofre com o preconceito imposto pela sociedade.

“Há carência de políticas públicas. A gente sabe que é difícil desenvolver ações para essa população, porque ela precisa de vários serviços articulados como saúde, educação, geração de emprego e renda e moradia. Mas gestores públicos, igrejas, associações de moradores e academias têm que se envolver nesse debate”.

REPORTAGEM ESPECIAL

QUIOSQUES VIRAM CASAS PARA POPULAÇÃO DE RUA

Grupos dormem nas estruturas que estão sem uso em Camburi

▄ TATIANA MOURA
tmoura@redgazeta.com.br

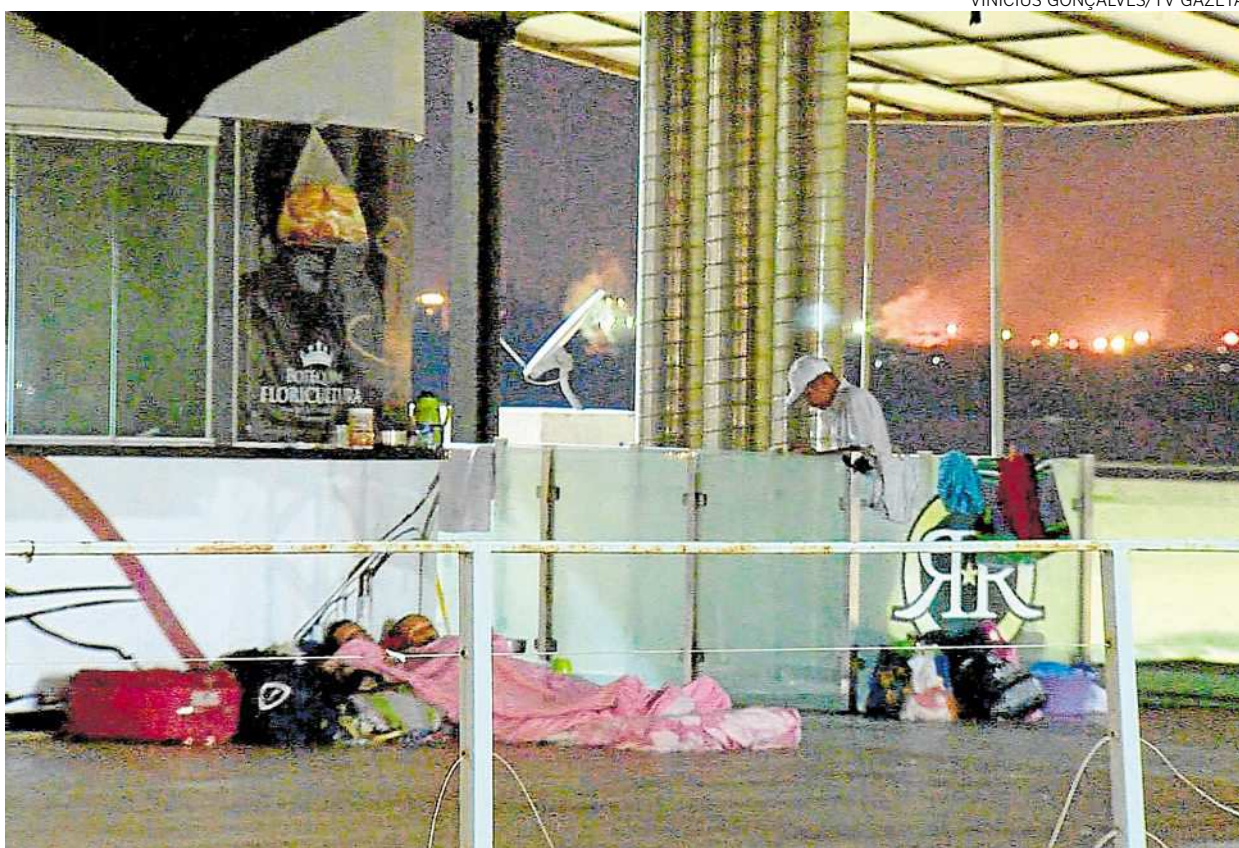
Os quiosques que estão desativados da Orla de Camburi, em Vitória, viraram locais de abrigo para a população em situação de rua. Moradores e frequentadores da região confirmam o aumento de andarilhos no local.

Eles dormem, se alimentam e até tomam banho utilizando os chuveiros do calçadão. O problema acontece, principalmente, nos quiosques 5, 6, 7 e nas estruturas que antes abrigavam a Guarda Municipal.

Comerciantes também reclamam que os moradores de rua estão ocupando até os quiosques que estão em funcionamento durante a noite. Diante dessa situação, alguns eles estão investindo em segurança. Gerente do quiosque 4, Hamilton Dórea, 48, afirma que o proprietário contratou dois seguranças que fazem a guarda do patrimônio no período noturno.

“O problema dos quiosques desativados afasta os clientes, porque as pessoas preferem estar em locais movimentados”, diz.

De acordo com o presidente da Associação de Moradores de Jardim Camburi, Enoque Sampaio Torres, desde março houve um aumento de cerca de 30% no número de moradores em



Quiosque 7 da Praia de Camburi é um dos espaços que os moradores de rua têm ocupado na Capital

situação de rua no bairro.

“Uma família inteira está vivendo próximo a Avenida Adalberto Simão Nader e há muita gente em ruas de Jardim Camburi onde antes não havia. Se nada for feito a tendência é aumentar. É preciso discutir ações para ajudar essas pessoas, e tem que envolver gestores públicos, entidades de classe, associação de moradores e

igrejas. Se o problema é social, todos devem participar do debate”, opina.

O presidente da Associação de Moradores de Jardim da Penha, Fabrício Pancotto, também notou aumento no número da população de rua no bairro. “E a melhor saída para resolver o problema é aumentar o orçamento da Secretaria Municipal de

Assistência Social, que está sucateada”, diz.

Situação semelhante ocorre na Praia da Costa, em Vila Velha. “A gente nota a presença de diferentes pessoas. Elas estão se proliferando com esse alto índice de desemprego”, avalia o presidente da Associação de Moradores, Gilson Pacheco.

PREFEITURA

Quanto aos quiosques 5 e 7 a Prefeitura de Vitória informou que eles estão com contrato de concessão em vigor e que a responsabilidade é do concessionário. Informou ainda que o 6 está sendo utilizado para atividades de duas secretarias e que estão sendo feitos projetos de ocupação para as estruturas que abrigavam a Guarda.

OPINIÕES



“Os quiosques desativados reduzem a nossa clientela. A prefeitura deve acelerar os processos de licitação”

HAMILTON DÓREA
GERENTE DE QUIOSQUE



“Se há um espaço e eles precisam de abrigo, eles vão invadir. Já os vi quebrando quiosques até para usar drogas”

DAMIÃO MUNIZ
VENDEDOR

DEPOIMENTO

“SONHO TER UMA CASA, PARA CONVIVER COM MINHA FILHA”

Jussara da Silva
Moradora de rua

▄ “Estou na rua há dez anos, desde que minha mãe adotiva faleceu e meus irmãos de criação me expul-

saram de casa. Eu vivia em Cariacica, no bairro Flexal II. Já morei nas ruas de Campo Grande, em Cariacica, e nas ruas da Vila Rubim, em Vitória. Há seis anos vivo em Bento Ferreira com o meu companheiro. A gente usa o banheiro do INSS, aqui mesmo em Bento Ferreira. Para comer a gente se vira como pode. Catamos mate-



CARLOS ALBERTO SILVA

riais recicláveis e com a venda deles compramos arroz, feijão e outras coisas, mas quando falta dinheiro as pessoas nos ajudam. Sempre passa alguém e dá marmiteira para a gente. Sonho ter uma casa, para conviver com minha filha, que tem 20 anos. Ela tem vontade de me ajudar, mas não tem condições, pois mora no emprego.”